

al. madam

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

especial

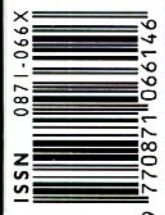
O ENSINO DA ARQUEOLOGIA e o Processo de Bolonha

A Arqueologia Low-cost:
fatalidade nacional ?

O Homem de Neandertal
e a genética molecular

Menires de Reguengos de Monsaraz:
património ameaçado

al. madam | nº 14
maio 2006
12 euros



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

arte rupestre e contexto arqueológico

Uma Descoberta Notável no Vale do Côa

É possível que na redação destes breves apontamentos anuais a que me comprometi com a direção da *Al-Madan* seja por vezes, e injustamente, demasiado influenciado pelas notícias "mais frescas", aquelas que estão ainda em cima da minha mesa de trabalho, quando, no limite de todos os prazos, me vejo compelido a escrever. Tenho procurado não cair neste vício, mas ocorre lembrá-lo quando precisamente uma das notícias mais interessantes deste ano para os estudos de Pré-História Antiga portuguesa, está num pequeno artigo científico que foi já posto a circular na versão digital da revista *Antiquity*. Trata-se de um notável trabalho de Norbert Mercier e colaboradores, sobre os resultados das datações absolutas obtidas para a sequência sedimentar do sítio do Fariseu, no vale do rio Côa¹.

Fui advertido para a publicação deste artigo por mensagem inserida no fórum *ArchPort* no início de Outubro de 2006. Mais ou menos pela mesma altura, chegou-me também às mãos o exemplar de Setembro da revista *Dossiers de l'Archéologie*, com artigo de conteúdo idêntico². Li com atenção os textos citados e fiquei convencido da grande importância que esta ocorrência terá, não apenas para a arte rupestre do Côa, como, no plano metodológico, para o conjunto dos estudos sobre arte rupestre ao ar livre.

Como se sabe, a questão da datação da arte rupestre pré-histórica é tão velha quanto a sua própria identificação. Tudo começou mal, quando o Congresso de Lisboa de 1880 se recusou sequer a considerar a eventual antiguidade das pinturas de Altamira, com receio das partidas pregadas aos pré-historiadores pelos clérigos anti-evolucionistas, e, o que é mais grave ainda, encontrou diligente e reputado congressista que se prestou a deslocar a Altamira, para declarar que tudo ali era moderno. Foi preciso esperar mais de duas décadas para que fosse reconhecida a antiguidade paleolítica daquelas e de outras grutas pintadas. Parece que no Côa se passou na última década (apesar de tudo o tempo corre mais veloz, agora...) algo de semelhante. Só falta que os mais encarniçados opositores da datação paleolítica

das gravuras façam também, se tiverem elevação para tanto, a "mea culpa, mea culpa d'un sceptique" que Émile Carthailac teve a grandeza de assumir em 1902, na *L'Anthropologie*.

A final, o que foi descoberto no Fariseu? Nada mais, nada menos do que um painel repleto de gravuras que, do ponto de vista estilístico, não haveria dúvidas em atribuir ao Paleolítico, mas cobertas em grande parte por sedimentos contendo indústrias líticas e placas gravadas, ambas também datáveis estilística ou tipologicamente (em rigor, a análise estilística mais não é do que uma aplicação particular do método tipológico em geral), e ainda restos de rochas queimadas ou submetidas a exposição solar susceptíveis de serem datadas pelos métodos da termoluminescência (TL) e da luminiscência óptica estimulada (OSL).

A conjugação de todos estes processos de datação, inseridos na estratigrafia registada, conduziu a um quadro de grande solidez cronológica. A sequência sedimentar do Fariseu foi depositada entre há cerca de 11 mil e há cerca de 18 mil, havendo sobreposição do painel gravado pelo menos até há cerca de 14 500 anos (anos reais ou de calendário, dados os métodos aplicados). Dito de outra forma: os motivos gravados na superfície assim fossilizada terão de ser necessariamente anteriores a cerca 14 500 anos, não sendo obviamente possível, pela via destes métodos cronométricos, dizer "quanto antes".

Poder-se-á julgar que é pouco este resultado. Mas não. Desde logo porque este exemplo actualiza uma das principais provas de datação relativa usadas no início do século XX por Henri Breuil para demonstrar a antiguidade paleolítica da chamada "arte das cavernas": a sua sobreposição, nalguns casos, por camadas paleolíticas. E esta é quase a única prova empírica clássica que poderíamos esperar encontrar no Côa, já que as restantes ou são exclusivas do sistema cársico (por exemplo, cobertura dos painéis por camadas calcíticas), ou fazem apelo a ambientes bioclimáticos de todo estranhos ao mundo peninsular meseteno durante o Paleolítico Superior (representação de fauna reliquia de climas muito frios, por exemplo).

Luís Raposo

Arqueólogo.

¹ MERCIER, Norbert; VALLADON, Hélène; AUBRY, Thierry; ZHUANG, Jolin; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis e SELLAMI, Farid (2006) - "Fariseu: first confirmed open-air Paleolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal)". *Antiquity*, 80 (310).

² AUBRY, Thierry (2006) - "Vallée du Côa. Un art préhistorique unique". *Dossiers de l'Archéologie*, 436: 62-71.

"[...] estão de parabéns as equipas que trabalham no vale do Côa. [...] A descoberta feliz do Fariseu não está só: o Côa é hoje a única zona do interior peninsular em que se podem discutir questões relacionadas com sistemas de povoamento do Paleolítico Superior, quando ainda há bem poucos anos muitos pensavam (incluindo eu próprio) que não existia povoamento significativo da Meseta ibérica durante o último período glaciário. Ainda bem que me enganei, e cumpre reconhecer o mérito de quem obrigou, a mim e a muitos mais, a mudar de opinião."

Existe mais, porém. A datação absoluta. Com esta descoberta encerra-se definitivamente (se ainda preciso fosse...) a polémica sobre a datação paleolítica, ou não, da arte do Côa. Claro que alguns dos mais prosélitos defensores da datação moderna, pós-paleolítica, irão continuar a mobilizar argumentos, desta vez para negar a validade das observações obtidas no Fariseu. Um desses combatentes, Robert Bednarik, já o fez, de resto, em 2002, logo que foram divulgadas as primeiras datações absolutas obtidas em vários locais do vale do Côa com ocupação humana paleolítica e se deu a conhecer também a sobreposição estratigráfica do Fariseu, ainda sem ancoragem cronométrica. Afirmava então Bednarik que "qualquer data de radiocarbono do colúvion do Fariseu é irrelevante, e mesmo uma data TL ou OSL não é necessariamente válida porque o material colúvionar pode ter sido deslocado e reposto em qualquer altura"³. Dir-se-ia que, vendo cair uma a uma as objecções que vinha colocando desde que resolveu desembainhar a espada contra a datação estilística da arte pré-histórica, Bednarik realiza uma fuga em frente, falha de todo o sentido. Existe já hoje amplo conhecimento da ocupação humana do Paleolítico Superior na zona, através de sítios arqueológicos que cobrem quase todas as épocas, desde o Gravetense ao Madalenense; existe inclusive registo muito importante de arte móvel, estilisticamente idêntica à arte parietal; existem datações cronométricas em diversos locais... e Bednarik diz que a natureza colúvionar dos depósitos do Fariseu impede considerá-los para qualquer efeito útil.

Ora, ao contrário, a natureza colúvionar dos depósitos do Fariseu, intercalados aliás por leitos de sedimentos aluvionares, não constitui de forma alguma óbice à aceitação da sua integridade deposicional, nos termos do conceito de "presente" que a arqueologia do Paleolítico usa correntemente. É verdade que as ocupações humanas registadas nas camadas colúvionares do Fariseu dificilmente indicarão um ou mais presentes etnográficos, medidos ao minuto, à hora ou ao dia. Pois é, mas o mesmo se passa com mais de 90 % dos sítios paleolíticos. O importante é reter as informações que nos dão os escavadores: as ditas camadas são constituídas por elementos frescos, que revelam ter havido pouco transporte; apresentam-se organizadas do ponto de vista deposicional e micromorfológico; e, acima de tudo, configuram uma sequência cronométrica globalmente muito coerente, da base ao topo. Se as objecções de Bednarik tivessem algum sentido, haveria que explicar o mecanismo natural que levou, em cada camada sucessiva, a só serem remobilizados de longe (não se sabe bem de onde) elementos com datação adequada à construção de uma sequência de datações coerente.

Tudo isto é tão evidente, como ridículo é o combate cego à datação estilística da arte pré-histórica (algo tão risível como pretender que toda a História da Arte é uma construção sem fundamento). Aliás, todos

os casos de datação directa de pinturas das grutas paleolíticas que conhecemos não vieram invalidar nunca a sua atribuição àquele período, embora tenham provocado grandes abalos nas tradicionais atribuições estilísticas. Curiosamente, porém, esse abalo deu-se em sentido inverso ao que reclama Bednarik, quer dizer, não no sentido do rejuvenescimento de muitos dos painéis da arte das cavernas, mas, ao contrário, do seu significativo envelhecimento. Como afirmava Hélène Valladas num dos seus trabalhos sobre a matéria, [as datas obtidas em sítios como Pech-Merle, Cougnac e Cosquer] "contribuem para modificar as nossas concepções sobre a origem e evolução da arte paleolítica, mostrando que, desde o início do povoamento da Europa de oeste pelo homem moderno, grandes artistas dominavam perfeitamente as técnicas picturais. Estes resultados sugerem pois que a arte parietal não evoluiu – como por muito tempo se supôs – de maneira linear do mais rudimentar ao mais elaborado"⁴.

Enfim, tudo somado, o que importa sublinhar é que estão de parabéns as equipas que trabalham no vale do Côa. Foi sem dúvida uma circunstância feliz aquela que permitiu aceder e depois detectar esta importante situação de fossilização de um painel gravado, por sedimento contendo estratos arqueológicos datáveis pela tipologia e por métodos absolutos. Mas as felicitações a que os colegas que trabalham no Côa têm direito são muito mais vastas. Basta aceder ao sítio do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC, em <http://www.ipa.min-cultura.pt/coa/>) e nele procurar a lista de publicações científicas realizadas na última década, aliás em ritmo visivelmente crescente. Trata-se de trabalhos muito sérios, alguns de grande qualidade e até inovação, seja no domínio da arte rupestre e no da tecno-tipologia, seja no domínio da Geoarqueologia. Ninguém de boa fé poderá ficar indiferente: o "processo do Côa" poderá ter falhado em muitos outros aspectos, poderia até ser mais plural na promoção activa da investigação por parte de equipas diversificadas e exteriores ao PAVC, mas aquilo que quem lá trabalha tem feito é notável. A descoberta feliz do Fariseu não está só: o Côa é hoje a única zona do interior peninsular em que se podem discutir questões relacionadas com sistemas de povoamento do Paleolítico Superior, quando ainda há bem poucos anos muitos pensavam (incluindo eu próprio) que não existia povoamento significativo da Meseta ibérica durante o último período glaciário. Ainda bem que me enganei, e cumpre reconhecer o mérito de quem obrigou, a mim e a muitos mais, a mudar de opinião. 

Luís Raposo, Outubro de 2006

³ BEDNARIK, R. (2002) – "New Dating Evidence From the Côa valley, Portugal" (disponível na Internet, em http://imc2.vicnet.net.au/home/doteli/shared_files/coadating.pdf).

⁴ VALLADAS, Hélène (2004) – *La Datation Directe des Peintures Préhistoriques par la Méthode du Carbone 14 en Spectrométrie de Masse par Accélérateur*. Lille: École d'Été de Physique (disponível na Internet, em <http://le2phy.in2p3.fr/2004/actes/Valladas.pdf>).